

Entrevista com **João Silvério Trevisan**, jornalista, cineasta e militante do Movimento LGBT.

**1) O movimento de luta contra a discriminação e de defesa dos direitos de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais, começou a ganhar corpo por volta dos anos 70. A que o senhor atribui a organização do movimento somente a partir dessa época? Que outros movimentos sociais do período poderiam tê-lo influenciado?**

Suponho que você esteja se referindo ao movimento GLBT do Brasil. Nesse caso, é fundamental apontar como causa imediata a volta dos exilados, voluntários ou não, do exterior, ainda no período da ditadura militar de 64. Eu próprio vivi 3 anos fora do Brasil, entre 1973 e 1976, entre Berkeley (na Califórnia) e México. Em Berkeley, sobretudo, convivi com os nascentes movimentos gay, feminista, anti-racial e ambientalista. Gente como Gabeira e eu voltamos com muitas idéias novas, que no Brasil tinham dificuldade de furar o paredão da censura ditatorial e o paredão ideológico da esquerda machista de então. A partir da cena internacional, a influência mais direta foram as lutas de Stonewall (Nova York), em junho de 1969. Do ponto de vista do movimento, o feminismo teve grande importância para os GLBT, pois nos instrumentalizou com um número fantástico de novos conceitos e abordagens crítico-analíticas. No geral, deve-se lembrar que as próprias lutas anti-discriminatórias de Stonewall surgiram no caldeirão das rebeliões de maio de 1968. Nos Estados Unidos, particularmente, nada disso teria sido possível sem a existência da contra-cultura, que rompeu as barreiras do esquerdismo autoritário existente até então e abriu espaço para o pluralismo ideológico e novos valores na área comportamental.

**2) Em que sentido o movimento gay pode ser considerado “contra-cultura”?**

Dois homens ou duas mulheres que se amam precisam tirar do nada novas formas de relacionamento, já que não encontram imagem social na qual se espelhar – pelo contrário, tudo o que vêem são distorções discriminatórias contra o amor homossexual. Em outras palavras, para se assumirem homossexuais as pessoas têm que rever, quotidianamente, a cultura na qual estão imersas. Têm que rever e contradizer, já que andam na contramão dessa cultura. Uma mera transa fora do quadro consagrado e imposto culturalmente já carrega em si mesma a contestação de uma cultura inteira. Tem algo mais quotidianamente contra-cultural do que isso? Não tenho dúvida de que o desejo homossexual é um desejo contra-cultural.

**3) Qual foi o impacto do aparecimento da AIDS sobre o movimento?**

O impacto da AIDS foi devastador. Mas também surpreendentemente positivo. Seus elementos negativos são evidentes: reforçou a homofobia em alto grau e diminuiu em muito a auto-estima de pessoas homossexuais. Não foram poucos os homossexuais que se mataram, no auge da epidemia. Sem falar daqueles que entraram em parafuso e decidiram “converter-se” em heterossexuais, a partir dos conflitos que passaram a viver. Mas costuma-se esquecer que a AIDS teve um efeito colateral tremendamente positivo. Bem ou mal, ela levou para as primeiras páginas dos jornais a existência de homossexuais concretos (como atores de Hollywood e da Globo, que faleceram em decorrência da enfermidade) e, sobretudo, a vivacidade de uma cultura e vida homossexuais. A sociedade foi bombardeada, a contragosto, com informações de que gues existiam, tinham nome e endereço – podiam ter o rosto de Rock Hudson, por

exemplo, ou de Lauro Corona e Cazuzu. Em resumo, homossexuais tornaram-se mais visíveis. Quando um médico denunciava que existiam saunas gays promíscuas, estava brandindo uma faca de dois gumes: através dele a população era informada de que homossexuais tinham um estilo de vida próprio, ainda que imposto marginalmente pela sociedade, e eram muito ativos no exercício da sua sexualidade. Não me parece exagerado dizer que, apesar e em meio à tragédia, a AIDS consolidou socialmente a idéia da existência concreta de uma comunidade homossexual. Nesse sentido, acho que dois anos de AIDS podiam equivaler a 10 anos de esforços de visibilidade do movimento pelos direitos homossexuais.

#### **4) Como o senhor vê o preconceito e a homofobia no Brasil?**

Estão vivos e continuam fazendo muito mal. Fico pasmo quando ouço homofóbicos dissimulados dizerem que agora virou moda ser homossexual. Eu os convidaria a darem um passeio de mãos dadas com outro homem. E, mais ainda, a darem um beijo entre dois homens ou duas mulheres, dentro da sua casa, da sua escola, da sua igreja, do seu trabalho. A reprovação generalizada ou até mesmo a violência que certamente iriam sofrer os faria sentir na pele o que é ser homossexual no Brasil. Não por acaso, temos uma parcela extraordinária de práticas “bissexuais” neste país. As aspas são do mesmo tamanho do biombo da heterossexualidade normalmente usada para esconder a prática homossexual dentro de casamentos héteros.

#### **5) Como o senhor analisa a articulação do movimento de luta anti-homofobia hoje no Brasil? Ele tem sido eficaz no sentido de informar e conscientizar a sociedade brasileira sobre as causas que o orientam?**

É um movimento que tem sido mais eficaz na luta geral do que quotidiana. Bem ou mal, as leis anti-discriminatórias estão se impondo. Mas os grupos de ativismo GLBT sempre foram e, acredito, continuarão restritos às classes médias. Dificilmente atingem os rincões mais distantes das periferias urbanas ou do interior do Brasil. Com isso, o nível de conhecimento dos direitos homossexuais é muito baixo, gerando uma consciência política igualmente baixíssima dentro da comunidade homossexual. Devo admitir que, no geral, é lamentável. Confunde-se farra com liberação, como se ser homossexual se resumisse exclusivamente a fazer sexo e festa. Trata-se de uma população que, em grande parte, continua psicologicamente fragilizada, sofrendo de culpa e encontrando saídas problemáticas, como consumismo inclusive sexual, hedonismo irresponsável e drogas. Felizmente, temos as Paradas do Orgulho GLBT que se multiplicam pelo Brasil a fora, muito além das grandes capitais. São quase 200 atualmente, já atingindo cidades médias e pequenas. Bem ou mal, é o nosso movimento de massa mais concreto em prol da afirmação do amor homossexual e da visibilidade GLBT.